

*Discurso na cerimônia de assinatura do
Acordo de Intenção para o Fornecimento
de Energia Elétrica pela Empresa
Venezuelana Eletrificación del Caroni
(Edelca) à Cidade de Boa Vista/RR*

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 29 DE JANEIRO DE 1997

Senhor Doutor Marco Maciel, Vice-Presidente da República; Ministro das Minas e Energia, Raimundo Brito; Senhor Ministro Arieta, das Minas e Energia da Venezuela; Senhor Embaixador da Venezuela, Doutor Radi; Nosso querido Ministro das Fronteiras, que aqui está mais uma vez, Ministro Pompéio; Senhor Governador do Estado de Roraima, Neudo Campos; Senhores Senadores Romero Jucá, Maluf Pinto, João França; meu ex-Companheiro de Congresso, Ottomar Pinto; Senhores Parlamentares que aqui se encontram, para alegria nossa, sobretudo hoje; Senhores Signatários do memorando de entendimento; Senhoras e Senhores,

Tanto o Ministro Brito quanto o Ministro Arieta mostraram o significado deste ato de hoje e disseram o que, muitas vezes, parece retórico, mas, neste caso, é absolutamente verdadeiro. Trata-se, efetivamente, de um passo histórico.

Essa história tem sua trajetória já há alguns anos. Quando Itamar Franco era Presidente da República, fez uma visita à Venezuela, que marcou, muito profundamente, as relações do Brasil com a Venezuela. A partir de então, o Presidente Caldera, a quem, em várias oportunidades,

nós recebemos aqui, também, em tantas oportunidades, demonstrou sempre uma grande abertura de espírito e um interesse muito grande em que houvesse uma aproximação crescente entre o Brasil e a Venezuela.

Não posso, e não esquecerei jamais, deixar de recordar que, quando fiz uma visita de Estado à Venezuela, fui recebido de uma maneira tão carinhosa por todos os venezuelanos – pelo Presidente, pelos ministros, pelo povo, pelo Parlamento – que eu não tomei aquela forma carinhosa pela qual fui recebido como se fosse homenagem apenas a um presidente da República, que tinha tido, como eu tive, a grande alegria de ter ensinado na Venezuela, em várias oportunidades, e de ter um convívio antigo, como intelectual, com a intelectualidade venezuelana e com os políticos venezuelanos.

Tomei aquelas manifestações como a expressão do desejo do povo venezuelano de se aproximar, crescentemente, do povo brasileiro. Isso está ocorrendo. As visitas do Governador, dos parlamentares, dos senadores, dos deputados, dos empresários, do povo do Brasil à Venezuela, e vice-versa, têm sido crescentes na nossa fronteira. Fronteira que começa, agora, a reproduzir no Norte a experiência que nós temos no Sul, onde, muito freqüentemente, nós não sabemos se estamos no Brasil ou no Uruguai, no Brasil ou na Argentina. Temos cidades em que há uma rua que separa os países, ou que junta os países. Esse mesmo espírito, agora, existe na nossa fronteira no Norte. Mas é preciso dar ossatura a essa disposição de espírito.

Essa ossatura se faz através de integrações mais concretas. E eu acho que a integração energética é uma integração muito concreta. Parecia difícil. Nós negociamos, intensa e extensamente, essa matéria, assim como a Petrobras. Eu espero que a Petrobras e a Pedvesa se unam, como estão se unindo, para que juntos possamos, o Brasil e a Venezuela, ter uma participação muito forte pelo mundo afora. O Doutor Renó está sorridente e meneando com a cabeça positivamente, o que me alegra. Nós precisamos, realmente, dessa integração. Agora, essa questão, depois de tantas negociações, da possibilidade de êxito efetivo de trazermos a energia da Venezuela para Roraima é algo que vai beneficiar os dois países.

Roraima precisava ser energizada. A expressão tem muito sentido em português. Precisava ser energizada e está sendo energizada. E isso é fundamental. O Ministro Brito sabe que essa obra demora algum tempo e já se antecipou para, enquanto ela não se concretiza, melhorar as condições de produção, até mesmo com o diesel. Nós estudamos e eu me empenhei em ver quais seriam os caminhos melhores: se utilizaríamos o gás de Urucu, se utilizaríamos a energia elétrica da hidroelétrica da Venezuela. E, por muitas razões, a decisão foi a que nós estamos firmando agora, que é sábia, é correta, porque não se trata apenas de que é positiva – e é para os nossos dois países –, mas porque integra os nossos dois países.

Essa integração que aqui vai se manifestar fisicamente, através dessa linha, é uma integração que já se verifica no plano, também, econômico, quando o Brasil tomou uma decisão – e eu me orgulho de ter participado dessa decisão ativamente; foi no meu governo – de ampliar as compras de petróleo da Venezuela, como já fizéramos com a Argentina, no governo do Presidente Itamar Franco e quando eu era Ministro das Relações Exteriores.

Nós estamos, efetivamente, integrando a América do Sul. E quero deixar bem claro, mais uma vez, que essa integração não é contra a integração hemisférica. É um passo para a integração hemisférica, porque nós estamos aprendendo, de modo concreto, de que maneira negociar nossas diferenças. E o mundo moderno é democrático, na medida em que ele reconhece diferenças, negocia as diferenças e faz os acordos, as integrações, respeitando os interesses de cada uma das partes que estão participando desse processo negociador e, no caso, desse processo de integração.

Apraz-me dizer, também, aos venezuelanos e às populações do Amazonas e de Roraima que outro compromisso meu está sendo cumprido, que é a construção da BR-174, que é a construção, a pavimentação da estrada que liga Manaus à Venezuela. É um compromisso e é uma dívida do Brasil para com a Venezuela, porque a Venezuela já fez a sua parte. Nós estávamos atrasados. Agora, nós conseguimos que a CAF financiasse, e isso já está, em boa parte, feito. Eu só não pude ir até lá para

percorrer o trecho já feito no Amazonas, porque eu não tive espaço na agenda. Mas irei. E sei também que, com os esforços de Roraima, a parte relativa a Roraima também está quase completa. Em pouco tempo, nós teremos uma integração física de Manaus até Caracas, passando por Caracarái, subindo toda aquela região, respeitando os povos indígenas, negociando com eles, respeitando o meio ambiente, fazendo os Rimas, que é como se chamam, em português as análises para verificar o efeito de tudo isso sobre o meio ambiente. Nós estamos integrando sem desintegrar nada, nem sequer as populações, muito menos as populações autóctones da região.

De modo que eu creio que esse espírito novo que une o Brasil à Venezuela, como disse o Ministro, está apenas começando. É o primeiro passo. E a Venezuela, pelo sonho bolivariano, imagino que seja sensível ao fato de que nós, brasileiros, não tivemos a honra de termos dado berço a Bolívar, mas temos a grande satisfação de reconhecer em Bolívar o grande sonhador desta América do Sul como um continente capaz de unir suas forças. Esse sonho está, pouco a pouco, progressivamente, sendo construído.

E verificamos que o nosso Ministro das Fronteiras e os nossos representantes naquela região não têm, senão, palavras de satisfação recíproca. Eu até, às vezes, fico preocupado com tanta integração lá no Norte. Mas é uma preocupação tranqüila, porque eu sei que essa integração se faz *bona fide*, com boa fé. É uma integração que se faz em proveito do conjunto do Brasil e do conjunto da Venezuela.

Eu espero que a integração crescente entre o Brasil e a Venezuela seja percebida por toda a América do Sul, como deve ser, como um passo da construção de uma grande América.

Muito obrigado aos senhores.